

# A PRÁXIS EDUCOMUNICATIVA PARA A CULTURA OCEÂNICA

Patricia Zimmermann

Universidade de São Paulo



## 1. Introdução

O cenário econômico e ambiental de 2020, agravado pela pandemia do Covid-19, demonstra que a sustentabilidade é sim uma questão “de vida ou de morte”. Por isso, é preciso fazer evoluir o conceito de sustentabilidade para o de uma ética da vida na Terra. A crise ambiental, nesse sentido, configura-se como propulsor de uma (des)acomodação que apela aos profissionais da comunicação e educação, bem como às organizações públicas e privadas e aos cidadãos, por novas formas de fazer e propor ações capazes de acelerar a implementação das boas práticas para o desenvolvimento sustentável.

Nessa direção, a problemática ambiental constitui um tema muito propício para aprofundar a reflexão em torno das práticas de resistência e de expressão das demandas em comunidades das áreas mais afetadas pelos constantes e crescentes agravos ambientais, especialmente nas zonas costeiras e marinhas

Aqui trataremos da nossa experiência na elaboração de uma formação on line para atender a demanda do Programa Horizonte Oceânico Brasileiro (HOB) nas temáticas costeiras e marinhas brasileiras, buscando fortalecer o protagonismo da juventude na interface do conhecimento e políticas públicas para a Agenda 2030<sup>1</sup>. Com a utilização das mídias digitais e o uso das redes para o desenvolvimento de atividades educativas, comunicação e educação se aproximam ainda mais e constroem um campo de inter-relação entre essas áreas do conhecimento (SOARES, 2011).

Pretendemos não só expor a experiência, mas debater o tema de forma a mostrar que as lutas ambientais são espaços emancipadores de ação, que devem ser valorizadas numa prática educativa que se some à busca por uma sociedade justa e ambientalmente sustentável.

---

1 Plano de ação para pessoas, planeta e para a prosperidade. Busca fortalecer a paz universal com mais liberdade. Reconhece que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Essa agenda tornou-se oficialmente adotada pelos líderes mundiais na Cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, que aconteceu em setembro de 2015, em Nova York. Fonte: (ONU BRASIL, 2015, p.2).

## 2. Comunicação e ciência cidadã em tempos de pandemia.

A utilização das redes sociais, mídias digitais, os algoritmos no cotidiano da sociedade mediando consumos, o combate às notícias falsas, assim como a educação à distância tem apresentado desafios para o entendimento das relações sociais e culturais na sociedade. A formação em Educomunicação oferecida aos membros do HOB Painel Mar, intitulada **Educomunicação Socioambiental na prática - Saberes para a mobilização em rede**, teve criação, produção e implementação considerando as demandas relativas ao início da Década dos Oceanos (2021-2030). A formação foi articulada por um grupo de educadores da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEDUCOM) do núcleo de Santa Catarina, com apoio técnico dos bolsistas do Laboratório de Educação, Linguagem e Arte (LELA) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), responsável pela construção da plataforma virtual (Moodle) que sediou as atividades do curso, patrocinado pela Fundação Boticário. O objetivo principal desta formação passou pela democratização e divulgação científica, bem como a capacitação para produção técnica de recursos tecnológicos áudio-scripto-visuais com intuito de evidenciar o papel das mídias e da comunicação nos processos de territorialização e participação cidadã.

O período durante a pandemia do COVID19, onde a comunicação ocorreu exclusivamente no ambiente virtual, evidenciou fortemente a necessidade de uma formação para os membros do HOB em temáticas alinhadas aos seus objetivos. A preocupação do HOB a respeito do diálogo com a sociedade, a mediação cultural, a produção de conteúdo com potencial de difusão do conhecimento e de inserir práticas colaborativas e transversais nas dinâmicas do programa, impulsionou a elaboração de um curso que atendesse tais demandas.

Com base nos planos de ação do HOB, nossa equipe de organizadores e formadores responsáveis pelo curso desenvolveram os seguintes módulos e temas para a formação, distribuídos em 40 horas de atividades síncronas e assíncronas: (1) Gestão da Educomunicação em projetos socioambientais em rede; (2) Educomunicação e os ODS: mobilização de redes; (3) Mediação tecnológica com foco na cobertura colaborativa, produção áudio-scripto-visual e redes sociais; (4) Podcast na Cultura Oceânica: Democratização e divulgação científica educacional. Os exercícios e conteúdos propostos buscaram desenvolver reflexão para as diferenças que as tecnologias trouxeram para o novo “modus vivendi” do homem na atualidade, especialmente por nos encontrarmos em distanciamento social provocado pela pandemia.

Durante nosso trabalho para a produção de conteúdos e formatação do curso, partimos da premissa sobre a importância de desenvolver e estimular nos participantes a habilidade de questionar normas, práticas e opiniões; refletir sobre os próprios valores, a importância de seus territórios, percepções e ações; e assim tomar uma posição no discurso da sustentabilidade. Nosso objetivo era portanto capacitar nossos cursistas para, ao final, serem capazes de planejar e executar projetos de comunicação e mobi-

lização em suas redes. As práticas educacionais pressupõem o uso do ambiente virtual de forma dialógica, propondo atividades práticas mediadas pela tecnologia e, neste caso especialmente, a aproximação aos temas costeiros e marinhos possibilitou um espaço para troca de experiências e aprendizagem horizontal.

Podemos dizer que o Programa Horizonte Oceânico Brasileiro (HOB) se conecta às diretrizes e princípios da Educomunicação não apenas no âmbito do seu Time de Educomunicação Socioambiental Costeira e Marinha, mas em sua lógica de trabalho transversal nos outros times que compõem o Programa, atuando *“como plataforma colaborativa multissetorial de indivíduos e organizações na interface do conhecimento e tomadas de decisão, visando a qualificação de políticas para o uso sustentável e saúde dos oceanos.”* O Objetivo Geral do programa HOB, conforme explicitado em seu site<sup>2</sup>, é alavancar e dinamizar, em quatro anos (2019- 2022), uma rede de aprendizagem entre profissionais em início de carreira para atuação na interface entre o conhecimento e as políticas públicas voltadas para zona costeira e marinha, com impactos profundos na construção de novas políticas públicas e adaptações naquelas já existentes em torno do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 14<sup>3</sup> e do pré-Planejamento Espacial Marinho da Amazônia Azul Brasileira. Essa relação entre os temas ambientais e as práticas educacionais pode ser ainda melhor entendida se trouxermos ao debate outras questões emergentes sobre a comunicação e a educação.

### **3. Comunicação e Educação para o ODS 14**

O poder que a comunicação, em suas mais variadas vertentes e tipologias, bem como os meios massivos tradicionais e as mídias sociais da era digital, exercem na sociedade contemporânea é uma realidade incontestável. As inovações tecnológicas determinam novas formas de produção, transmissão e recepção de mensagens, ao passo que as práticas culturais dos cidadãos e de seu meio social modificam-se, gerando novos modos de comunicar-se. A transformação no pensamento sociológico e a relação a respeito de mudanças importantes nas mídias e nas infraestruturas sociais propõem entender como o social é construído em uma época de profunda midiaticização, quando os próprios elementos básicos a partir dos quais um sentido do social é construído se tornam processos tecnológicos de mediação (COULDRY, N.; HEPP, 2017). Neste contexto, a comunicação deve ser considerada como processo social e como um fenômeno, e não apenas como transmissão de informações.

Emerge, assim, uma tendência imposta pela demanda de um novo agir e no contexto da comunicação esse tema é super relevante. O que importa em uma ação comunicativa é chegar ao entendimento mútuo acerca de algo e, se possível, alcançar um consenso construído socialmente por meio do diálogo. Para Kunsch (2018), a

---

2 <https://painelmar.com.br/o-programa/>

3 O ODS 14 tem foco nas interações humanas com o oceano, mares e recursos marinhos. Ele é fundamentado pelas metas que tratam da conservação e uso sustentável do oceano, mares e recursos marinhos, incluindo zonas costeiras, bem como a gestão do oceano e das capacitações necessárias.

comunicação clássica, instrumental, exclusivamente técnica e operacional não atende mais às demandas das organizações no novo ambiente socioeconômico e político. É importante destacar que, quando falamos de comunicação, tanto a informação quanto o conhecimento são fundamentais para os processos de desenvolvimento econômico e para a democratização político-social.

A gestão integrada da Zona Costeira pressupõe um processo participativo, ou seja, que receba colaboração de toda a sociedade, incluindo comunidades tradicionais, associações de bairro, governo Municipal, Estadual, organizações não governamentais e iniciativa privada (XAVIER; STORI; TURRA; 2016). Por isso, a importância de formar grupos de cidadãos que sejam motivados e engajados para tal participação. Concordamos com a definição de participação cidadã explicitada por Leroy (2010): Participação cidadã é vista como um processo capaz de gerar uma nova dinâmica de organização social por meio do fomento à intervenção da população nas políticas públicas. Não pode, portanto, esgotar-se dentro de um projeto, relaciona-se diretamente com questões amplas como democratização, equidade social, cidadania e defesa dos direitos humanos. Requer também a democratização do poder sobre o uso dos recursos financeiros e sobre a definição e a implantação de políticas públicas. (LEROY, 2010, p. 71)

A educação, enquanto ação comunicativa, é um fenômeno que permeia todas as maneiras de formação do indivíduo e, assim, sob a mesma ótica, toda ação de comunicação tem, potencialmente, uma ação educativa. A concepção que temos da educação, a partir de Gohn (2011), parte do suposto que a educação propriamente dita é um conjunto que inclui a articulação entre (1) educação formal, aquela recebida na escola via matérias e disciplinas, normatizada; a (2) educação informal, que é aquela que os indivíduos assimilam pelo local onde nascem, pela religião, por meio do pertencimento, região, território, classe social; sendo que a (3) não formal tem um campo próprio, embora possa se articular com as duas primeiras.

Surge, portanto, a necessidade de promover uma educação midiática para aprender a se deslocar dentro do contexto social, político, cultural e educativo no qual estamos vivendo. Segundo Martín-Barbero (2000), um ecossistema comunicativo constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Aproximar a Comunicação e a Educação é como pensar a comunicação como parte do processo educativo, de uma estratégia. David Buckingham (apud CALIXTO, 2020, p.X), destacado pesquisador inglês, analisa questões da interface comunicação e educação, as referências teóricas compartilhadas com os estudos culturais e, sobretudo, o entendimento de que é necessário superar o viés instrumental da mídia em favor de uma compreensão abrangente. O pesquisador chama atenção para: E se realmente queremos que os cidadãos sejam alfabetizados em mídia, precisamos de programas abrangentes, sistemáticos e sustentáveis de educação para a mídia como um direito básico para todos os jovens. {} precisam entender como tais mídias funcionam, não apenas

tecnologicamente, mas também como formas de linguagem ou produtoras de sentidos; elas precisam entender as dimensões políticas, sociais e econômicas das mídias; e elas necessitam promover julgamentos mais críticos e sistemáticos sobre as mídias que estão usando e consumindo.

Desta forma, a educação nos apresenta uma filosofia em uma prática baseada no diálogo e na participação, não apenas a partir das mídias e novas tecnologias da comunicação e da informação, mas sobretudo a partir de uma nova leitura do mundo, da qual podem fazer parte outras narrativas, como expressões artísticas e culturais com as quais o sujeito intervém de modo coletivo, colaborativo, no exercício do diálogo. Muitos de seus princípios são oriundos da comunicação dialógica, sobre a qual Paulo Freire (1977) afirma que “ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade”.

Assim, ao educar, capacita-se também para uma cidadania ativa por processos midiáticos, artísticos, culturais e, conseqüentemente, sociais. Trata-se de mudar a forma de pensar a sala de aula, os espaços educativos, de apreender e ensinar, pensando o conhecimento como característica transversal. O ensino transdisciplinar exige a definição de um pensamento organizador, e complexo, isto é, uma forma diferente de pensar, que vai além da divisão cartesiana das áreas do conhecimento, o que implica em promover o diálogo entre elas. Conforme defende Morin: São necessárias novas práticas pedagógicas para uma educação transformadora que esteja centrada na condição humana, no desenvolvimento da compreensão, da sensibilidade da ética, na diversidade cultural, na pluralidade de indivíduos, e que privilegia a construção de um conhecimento de natureza transdisciplinar, envolvendo as relações indivíduo, sociedade e natureza. Essa é a condição fundamental para a construção de um futuro viável para as gerações presentes e futuras. (MORIN, 2011, p. 13)

Concordamos com Xavier, Stori e Turra (2016) que a sustentabilidade deve ser praticada em casa, na escola, no trabalho, no bairro, no município, ou seja, em todas as circunstâncias. Se cada cidadão estiver disposto a compartilhar e discutir propostas para estabelecer um futuro sustentável, maiores serão as chances de garantir a conservação e uso sustentável dos recursos naturais. A noção de sustentabilidade implica, portanto, uma inter-relação necessária de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento (JACOBI, 1997). Para isso, campanhas, ações e projetos educativos que utilizem a comunicação na perspectiva de sensibilizar para a importância vital da água ao ser humano, neste caso a importância do mar, a zona costeira enquanto comunidade, devem contribuir para facilitar processos lúdicos e criativos, bem como reforçar e ampliar a participação cidadã. Assim o encontro da Comunicação e Educação pretende provocar mudanças sociais em contextos socioambientais, resultando em uma abordagem educacional, como é o caso das práticas disseminadas pelas ações do HOB.

### **Considerações finais**

A partir do cenário demonstrado até aqui, considerando a crise ambiental global, as mudanças climáticas, a ameaça de escassez da água em todo o planeta, assim como os desafios que enfrentam educadores e comunicadores, pensar a relação mais sustentável e cuidadosa com o planeta pede, como já foi dito, uma resignificação sobre o tema pela sociedade. A sustentabilidade como critério básico e integrador precisa estimular permanentemente as responsabilidades éticas, na medida em que a ênfase nos aspectos extra econômicos serve para reconsiderar sentidos relacionados com a equidade, a justiça social e a própria ética dos seres vivos. Dessa forma, trabalhar na perspectiva crítica e emancipadora, capaz de transitar entre os múltiplos saberes – científicos, populares e tradicionais – é alargar a visão do ambiente e captar os múltiplos sentidos que os grupos sociais atribuem a ele (ZIMERMANN, 2019).

Consideramos que as reflexões a partir da revisão bibliográfica e a experiência do HOB, brevemente aqui suscitadas, nos indicam que a comunicação desenvolvida sob o caráter educativo contribui para a gestão integrada da Zona Costeira e Marinha. Nesse sentido, deve-se destacar a importância da práxis educacional, com o estabelecimento de discussões e análises amplas, sobretudo como elemento que difunde um processo de desenvolvimento para sustentabilidade num projeto de cidadania democrática, ampliada pela ideia de justiça ambiental.

Na medida em que o consumo consciente tem sido a plataforma de ações em políticas ambientais internacionais é chegado o momento de resignificar conceitos, posturas, e estabelecer uma nova ordem que contemple o mundo complexo que vivemos. Neste contexto, há uma demanda para que a sociedade esteja motivada e mobilizada para assumir um papel mais propositivo, bem como seja capaz de questionar, de forma concreta, a falta de iniciativa do governo na implementação de políticas ditadas pelo binômio da sustentabilidade e do desenvolvimento num contexto de crescente dificuldade na promoção da inclusão social.

A relação entre meio ambiente e educação para a cidadania assume um papel cada vez mais desafiador, demandando a emergência de novos saberes para apreender processos sociais que se complexificam e riscos ambientais que passam a tomar parte do cotidiano das pessoas. Mas, sobretudo, representa a possibilidade de abertura de estimulantes espaços para implementar alternativas diversificadas de democracia participativa, notadamente a garantia do acesso à informação e a consolidação de canais abertos para participação cidadã.



## Referências

CALIXTO, Douglas; LUZ-CARVALHO, Tatiana Garcia; CITELLI, Adilson. **David Buckingham: a Educação Midiática não deve apenas lidar com o mundo digital, mas sim exigir algo diferente.** Comunicação & Educação, v. 25, n. 2, p. 127-137, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p127-137>> Acesso em 06 de mar.2021

COULDRY, N. e HEPP, A. **The Mediated construction of reality.** Cambridge: Polity Press, 2017.  
FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação. 10 ed. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais.** Paradigmas clássicos e contemporâneos. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental Cidadania e Sustentabilidade.** Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **A comunicação estratégica nas organizações contemporâneas.** Media & Jornalismo, Lisboa, v. 18, n. 33, p. 13-24, nov. 2018.

LEROY, Jean Pierre. **Territórios do futuro: educação, meio ambiente e ação coletiva.** Rio de Janeiro: Lamparina. 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Desafios culturais da comunicação à educação.** In: Comunicação & Educação, São Paulo, n. 18, p. 51-61, 2000.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011

ONU, Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Nova York, EUA: Cúpula das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, 2015. Disponível em [http://www.itamaraty.gov.br/images/ed\\_desenvsust/Agenda2030-completo-site.pdf](http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/Agenda2030-completo-site.pdf)

SOARES, I. DE O. **Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2011.

XAVIER, Luciana Yokoyama, STORI, Fernanda T, TURRA, Alexander. **Desvendando os oceanos: um olhar sobre a Baía do Araçá.** São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, 2016.

ZIMERMANN, Patricia. **Educomunicação socioambiental como política pública: a mobilização cidadã no ecossistema Babitonga. 2019.** Dissertação (Mestrado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

## Educomunicação em tempos de pandemia A práxis educacional para a Cultura Oceânica



**Sobre a autora:** Patricia Zimmermann é Educomunicadora. Desenvolve consultoria em Comunicação Socioambiental para organizações públicas e privadas. Doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA- USP), Mestra em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, Especialista em Gestão da Comunicação Organizacional e em Formação para o Magistério Superior (UNIVALI), Graduada em Gestão de Eventos e em História da Arte, possui cursos nas áreas de Artes e Design. É Vice Coordenadora do Observatório de Comunicação, Relações Públicas e sustentabilidade (SUSTENCOM) vinculado ao Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Participa como pesquisadora do grupo de pesquisas do NCE- Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, é sócia da ABPEDUCOM- Associação Brasileira dos Profissionais de Educomunicação e voluntária no Programa Horizonte Oceânico Brasileiro para a Década do Oceano.